

A ODISSEIA DE CADA UM DE NÓS

Assisti ao filme “Odisseia”, dirigido por Christopher Nolan. O filme é baseado no clássico poema épico atribuído a Homero. A história acompanha a perigosa jornada de 10 anos do herói grego Odisseu (também chamado de Ulisses) para retornar à sua ilha natal, Ítaca, após a Guerra de Troia. Enquanto ele enfrenta monstros míticos e a ira dos deuses para voltar para casa, sua esposa Penélope e seu filho Telêmaco lutam para proteger o trono dos pretendentes que tentam tomar o poder em sua ausência.

Muitas críticas têm sido feitas ao filme, negativas e positivas. Alguns dizem, utilizando inclusive uma expressão muito usada hoje para certas conclusões: ele não “agradou nem aos gregos nem aos troianos”. Para outros, existe a Odisseia de Homero e a Odisseia de Nolan. Não houve uma adaptação do poema ao cinema, mas foram feitos recortes, condensações e fusões. Há ainda quem diga que Nolan fundiu uma produção de Hollywood com a epopeia clássica lembrando que o faroeste, por exemplo, compartilha com a narrativa homérica a mesma estrutura mítica e arquétipos atemporais: o herói reticente e a jornada como destino. Isso não quer dizer que o filme seja ruim por ser infiel ao original. Quer dizer, apenas, que o filme não é fiel ao original

Mas não me atrevo a analisá-las nesta crônica. Vou somente tentar levantar algumas questões a partir da seguinte pergunta: Por que a Odisseia continua nos emocionando quase três mil anos depois?

Acho que a resposta esteja justamente naquilo que o poema nunca separou: o mistério da existência e a aventura humana. Primeiro, ele fala do mistério. Depois, ele fala do homem. E essas duas coisas nunca estiveram separadas.

Toda a história da Odisseia é a nossa história. Ela é uma narrativa de uma grande ação humana. É uma viagem que todos nós fazemos. É a história de todos os seres humanos que tentam voltar para sua verdadeira identidade. Todas as paradas de Odisseu, jogado pelos ventos para todos os lados, ao longo da viagem, são símbolos das paradas que o ser humano tem que fazer dentro de si mesmo para chegar à sua Ítaca.

Cada ilha visitada por Odisseu representa uma etapa da nossa própria travessia. Os ciclopes simbolizam os medos que nos paralisam. As sereias são as seduçãoes que nos fazem esquecer quem somos. Calipso representa a tentação de permanecer onde é confortável, renunciando ao próprio destino. Poseidon lembra que existem forças que escapam ao nosso controle. Nenhuma dessas figuras pertence apenas à mitologia. Todas continuam habitando o ser humano.

Quantas vezes saímos para uma guerra que não é nossa, construímos até cavalo de Troia para vencê-la e depois ao voltar para casa ou para nós mesmos, enfrentamos obstáculos, lutando contra polifemos, ciclopes, poseidons, circes, sereias, lestrigões, caribids, cilas, recusando as promessas

de calipsos, perdendo companheiros, às vezes pensando em desistir? Odisseia nos mostra a capacidade do ser humano de sobreviver e de resistir a tudo.

Podemos dizer que a permanência da Odisseia e a viagem de Odisseu, como metáforas da vida humana, apresentam o sagrado como dimensão dessa permanência. É a viagem que cada um de nós reconhece dentro da viagem de Odisseu. E vendo o filme, entendemos por que um poema de quase três mil anos continua descrevendo a nossa própria travessia.

Para Homero, nada do que era verdadeiramente humano podia estar separado do sagrado. Por isso a Odisseia começa com a invocação da Musa. Sabemos que a mitologia é o conjunto de mitos, lendas e crenças dos gregos antigos, com destaque para deuses, heróis e seres fantásticos. Ela servia para explicar a origem do mundo, os fenômenos da natureza e os sentimentos humanos.

É preciso observar que os deuses gregos eram figuras imortais e antropomórficas. Ou seja, eram deuses com formas humanas e que também possuíam sentimentos humanos como o amor, o ódio, a maldade, a inveja, a bondade, egoísmo, fraqueza. É por habitar essa fronteira entre o humano e o divino que o herói antigo tende a ultrapassar os limites que separam os homens dos deuses.

O sagrado aparece no filme de Nolan? Numa crônica anterior (O Cinema e o Sagrado, CP. 12/05/26) procurei mostrar que o cinema pode alcançar o sagrado de duas maneiras: evocando diretamente a transcendência ou revelando-a nas experiências mais humanas. É justamente esse segundo caminho que Christopher Nolan parece escolher. Mesmo adaptando livremente Homero, consegue inserir a transcendência no cotidiano da viagem de Odisseu. O sagrado manifesta-se porque os deuses intervêm continuamente na narrativa sendo a própria duração da viagem marítima manifestação da interferência direta de Poseidon na história. Mas o sagrado nunca se manifesta como mistério absoluto

Talvez seja por isso que a Odisseia continue a nos emocionar depois de quase três mil anos. Não porque conte a aventura extraordinária de um herói grego, mas porque nos recorda que todos somos viajantes. A jornada de Odisseu mostra como a inteligência pode triunfar sobre a força e como a fidelidade ao próprio destino exige coragem diante das perdas, das seduções e dos reencontros. Todos enfrentamos nossas tempestades. Todos carregamos alguma Ítaca dentro de nós. A sabedoria da vida não consiste apenas em chegar ao destino, mas em não esquecer, durante a viagem, quem somos e para onde desejamos voltar. Talvez viver seja exatamente isso: passar a vida tentando encontrar o caminho de volta para alguma Ítaca.